



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

2 — A REVOLUÇÃO E AS REFORMAS

RECIFE, 5 DE JUNHO DE 1944

NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, AO RECEBER
O TÍTULO DE «CIDADÃO DE PERNAMBUCO».

É uma grande honra a que agora me conferis outorgando-me
● título de Cidadão de Pernambuco. Bem sei não se tratar de
um desses galardões que podemos guardar num canto de nossas
lembranças. Pelas responsabilidades que encerra e as emoções
que suscita, somente o espírito, com o que tem de mais nobre,
deverá conservá-lo. É onde eu o trarei.

Filho do Nordeste, bem cedo aprendi a admirar aquelas lutas
aqui travadas em 1817 e 1824. Hoje verifico que os nordestinos
não mudaram muito, tanto é certo que os povos costumam ser
fiéis a si mesmos.

Nem foi outra coisa, senão essa fidelidade que vos propor-
cionou as energias necessárias para suportar e vencer os embates
em que as circunstâncias vos envolveram recentemente. Compre-
endestes, em boa hora, que estava em jogo o próprio destino
da nacionalidade, não vos sendo possível desertar na grave con-
juntura com que o País se defrontou. Não poderia ser de outro
modo quando tomastes para vosso patrono um dos maiores dentre
os grandes brasileiros. Refiro-me a Joaquim Nabuco, cujas lutas
e sofrimentos devem ser não apenas justo motivo de orgulho para
os seus conterrâneos, mas também de ensinamento para os moços.

A nobreza da estirpe, que estendia as suas raízes até o
Morgado do Cabo, não o impediu de tornar-se o pioneiro da
questão social no Brasil, buscando resolvê-la, inclusive, com uma
profunda modificação do nosso sistema de propriedade territorial.
Conquistou assim o coração do povo do Recife, que ainda hoje

recorda com admiração as memoráveis campanhas em que, vencido ou vencedor, era sempre a mesma figura exaltada pelos aplausos dos contemporâneos. Indo buscar-lhe o nome para designar a Casa dos representantes do povo pernambucano, como que desejastes significar o vosso aprêço por aquela síntese magnífica, que fez de Joaquim Nabuco, a um só tempo, o mais nobre e o mais popular dos seus concidadãos.

Se árduos foram os embates que precisou enfrentar o vosso patrono, muitas também foram as ameaças que tivestes de contornar e vencer. Mas nenhuma tão forte quanto aquela que decorreu de um Governo cujo propósito subversivo tinha na anulação desta Assembléia um dos seus objetivos.

Para atemorizar ou paralisar os que legitimamente representavam o povo, pretendeu-se governar com o apoio em organizações apresentadas como populares, mas que, na realidade, nada mais eram do que ajuntamentos inexpressivos e corrompidos pelo Poder. E quando dizia orientar-se pelos reclamos e inspirações de tais organizações, que proclamava ouvir, o Governo nada mais fazia do que seguir os seus próprios passos, ou escutar o eco de sua própria voz. Era, afinal, a farsa com que se pretendia criar uma nova hierarquia, da qual resultava a exclusão dos autênticos representantes do povo. Tudo, entretanto, era extremamente artificial, embora altamente oneroso para os cofres públicos. Esqueciam-se os pregoeiros dessa contrafação de democracia direta, que, depois de sepultada durante séculos, ela apenas ressurgira para os tristes espetáculos dos regimes fascistas. O que bem explica a surpreendente senão inacreditável facilidade com que ruiu todo um arcabouço longamente preparado, planejado e por alguns imaginado como prestes a dominar o País. Foi um desastrado ensaio de um processo de subversão da Democracia.

É oportuno lembrar que outros processos podem subverter a vida de um país. O Poder Nacional ou Estatal assenta em fatores políticos, econômicos, sociais e militares, não podendo um deles limitar as faculdades de outro, nem tutelar o Poder Supremo. Nem mesmo um equilíbrio deverá ser almejado, já que poderia dar lugar à estagnação e, conseqüentemente, ao desperdício de

fôrças inôcuamente consumidas. Na realidade a característica do Poder reside no dinamismo de cada setor, que, dentro dos limites das faculdades de cada qual e do dever de mútua cooperação, atua em benefício do País. Do mesmo modo que na autenticidade e autoridade não tutelada do Poder Nacional está a linha mestra do Poder.

Assegurar a interpenetração dos Podêres constitutivos do Poder Nacional e a condição indeclinável de que cada um é dependente do mais alto pôsto da hierarquia governamental, só no regime democrático poder-se-á consegui-lo. Ditadura ou Governo empalmado por injunções internas ou internacionais é Poder desnaturado, irresponsável e contra a Nação.

Se muito fizestes pela causa da Revolução, ainda muito mais tendes de fazer para que o Brasil, livre dos males que o abalaram, encontre meios para impedir que retornemos ao regime de mentira e corrupção, e para a prática, em tôda a sua plenitude, da verdade democrática.

Sei que a Revolução tem aqui um de seus mais aguerridos bastiões para levar a cabo a imensa tarefa que lhe cabe. Tarefa que, sem dúvida, há de se afirmar pela destruição de privilégios de tôda sorte que embaraçam o verdadeiro progresso social do País. Agora, toca-nos reerguer uma Nação arruinada pela corrupção e enganada pela demagogia. Há, porém, que repor pedra sobre pedra. E hoje, revestido da normalidade de seus deveres e prerrogativas, aqui está o chefe do Poder Nacional, para vos expressar o aprêço do Governo Federal.

Agradeço-vos o título com que me distinguistes, que, valendo tanto por si só, houvestes por bem envolver nas generosas palavras do vosso orador. Nelas reconheço, porém, aquêlê traço nunca desmentido da fidalguia pernambucana, tão viva nesta Assemblêia.

Reitero-vos o meu reconhecimento. E, ao fazê-lo, desejo acentuar que estais conclamados, como todos os brasileiros, sem distinção de classes ou condição para realizarmos na paz, e com êxito, igual àquêlê com que fizemos triunfar a Revolução, as reformas sociais, imperativo de nosso tempo.